

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Carlos Esteves Rosales

SIMBOLOGIA DO JUÍZO FINAL NA CATEDRAL DE NOTRE DAME DE PARIS

São Paulo

2023

**PONTIFÍCIA UNIVERISADE CATÓLICA
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

Carlos Esteves Rosales

SIMBOLOGIA DO JUÍZO FINAL NA CATEDRAL DE NOTRE DAME DE PARIS

**Trabalho de Conclusão de Curso – Projeto de Mestrado
para apreciação da banca examinadora da PUC-SP
como exigência para obtenção do título de licenciado em
História
orientado pelo Prof. Dr. Álvaro Hashizume Allegrette**

SÃO PAULO

2023

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA.....	5
DESCRIÇÃO DA FONTE.....	9
REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
RELEVÂNCIA HISTORIOGRÁFICA.....	15
BIBLIOGRAFIA.....	17

RESUMO

O presente projeto de mestrado tem por tema a simbologia do juízo final na catedral de Notre Dame de Paris (século XIII). As catedrais góticas surgem num contexto de expansão da vida urbana e circulação de ideias pelas ordens mendicantes itinerantes pela Europa a partir do século XI. O período medieval foi profundamente dominado pela Igreja Católica e, na tentativa de converter e manter os fiéis dentro da doutrina cristã, conceberam-se várias histórias e símbolos dessa doutrina. A idade média teve uma vasta produção voltada para o religioso. Edifícios, representações, símbolos, literatura, a vida cotidiana que são subsidiários das concepções religiosas desse período. No medievo, o juízo final exercia papel central na vida das pessoas, pois suas representações ilustravam e lembravam o fiel desse dia e como suas ações seriam julgadas nesse momento. O estudo histórico até a década de 1920 concentrava seus esforços e atenção em questões econômicas e políticas. Marc Bloch (1886-1944) e Lucien Febvre (1878-1956) inauguraram com a revista dos Annales (1929) uma nova perspectiva histórica que permitia utilizar toda produção humana como fonte para entender os processos históricos em determinados espaços e tempos. Nesse sentido, a história da arte, na atualidade, constitui um dos campos que mais crescem para a compreensão histórica. Fundamentados principalmente nas ideias de Panofsky (2001), faremos um mapeamento das principais teorias que estudam a arte gótica e suas possíveis relações com a teologia do período (XII-XV). Faremos uma comparação bibliográfica que trata deste tema, para compreender as origens e significados a representação do juízo final. Iremos verificar ainda, o atual estado da discussão em torno do estudo da arte em história, suas principais teorias e metodologias de compreensão para conseguirmos analisar e entender os processos e períodos históricos e sua importância no passado e presente. Com isso, tentar mapear a representação do juízo final na França e averiguar se essas representações nas catedrais segue um padrão simbólico ou não, em especial na de Paris.

Palavras-chave: História da Arte; Idade Média; Gótico; Juízo Final.

1. Contextualização Histórica

O presente projeto tem por tema a catedral de Notre Dame de Paris. A igreja do bispado de Paris fica situada na Ile-De-Cité, no centro da cidade. O aumento da produção agrícola trazida pelas inovações tecnológicas como arados de ferro, moinhos d'água e rotação de culturas permitiu, a partir do ano mil, uma maior produção agrícola, que seria vendida, gerando receita para os donos das terras. Esse aumento da produção impulsionou mercados e aumentou a arrecadação dos senhores feudais e das igrejas. O fluxo de pessoas procurando as mercadorias para compra e venda originou nas proximidades dos castelos uma organização espacial diferente, com características mais urbanas, mais dinamismo econômico e mais circulação de pessoas. Nesse cenário, a igreja católica também se articulou para conseguir manter suas atividades de catequização e manutenção da Eclésia (comunidade religiosa) com êxito. Logo surgiram as cidades, os bispados respondiam exercendo controle sobre elas por meio da religião católica. A vida cotidiana, os símbolos, as representações, aonde fosse possível, a Igreja Católica lançava sua doutrina. Sendo então a catedral a igreja da cidade, sua arte é subsidiária da expansão urbana (Duby, 1979).

Para atender ao novo fluxo e as novas densidades populacionais das cidades, as catedrais deveriam servir seus habitantes e os transeuntes, para cumprir esse propósito, foram projetadas para serem o centro da vida cidadina. Mais que um lugar apenas do culto católico, era também local de encontro de todos os tipos da sociedade do século XII. Podemos constatar essa tendência na empolgação dos moradores da cidade de Chartres quando começaram a edificar a sua própria catedral.

“Neste mesmo ano, os homens começaram a levar até Chartres os carros cheios de pedras e madeira, víveres e outras coisas, para a obra da igreja cujas torres estavam então sendo construídas. Quem não viu estas coisas, jamais verá algo semelhante!” (Delisle, E. 1872, apud Allegrette, Álvaro, 2021, p.23. mimeo).

O tamanho monumental das catedrais apontava para uma mudança no estilo da construção das novas igrejas. A catedral é a sede do bispado e onde o bispo

exerce suas funções, logo, a concorrência por catedrais mais suntuosas passa pelo desejo dos bispos de afirmarem sua importância dentro da hierarquia católica e a importância de seu bispado. Podemos nos questionar de onde vem esse novo estilo arquitetônico e encontraremos respostas na abadia de Saint-Denis, no norte da França a oeste da cidade de Paris e a sua reforma patrocinada pelo abade de Suger.

Suger, nascido em 1081, assumiu o abaciado em 1122 e reformou sua igreja entre 1144 e 1151, ano de sua morte. Panfinsky (2019) afirma que o abaciado de Suger foi de extrema importância não só pela sua nova concepção da arquitetura da igreja, mas como unificador dos interesses da coroa e da Igreja. Suger estudou com Luís VI e deste virou grande amigo e conselheiro. O Autor ainda continua a caracterizar Suger como hábil diplomata, grande administrador, Suger era um bom cristão, bondoso e justo, pacifista por natureza, mas assertivo e não hesitava em usar da violência se esta fosse a única solução. É possível se dizer que seria o pai da coroa francesa que culminou na França de Luís XIV, unindo igreja e estado.

Suger foi entregue a abadia de Saint-Denis como oblato em 1091, quando somava 10 anos. Foi estudar escola de Saint Denis L'Estreé, de tradição beneditina, onde teve profundo contato com grandes obras teológicas patrísticas e com os clássicos pagãos como Ovídio, Juvenal, Horácio e Lucano. Ainda incorporou na sua formação intelectual profunda empatia pelo pensamento de Santo Agostinho (neoplatônico) e *Pseudo-Dionísio Aeropágita*, questões que serão mais à frente esmiuçadas. Complementou seus estudos numa outra escola que não temos informação com clareza, a melhor hipótese* teria sido Marmoutier, já que voltava desta quando foi ao concílio de Poitiers. Conquistou a confiança do Abade de Saint Denis, Adão e começou a trabalhar como diplomata e representante da abadia em suas viagens. Com a morte de Adão em 1122, Suger foi nomeado como novo abade de Saint Denis.

*Françoise Gasparri argumenta que esta seria a escola onde Suger tenha se formado, pois de lá voltava quando foi ao concílio de Poitiers. (Cf. Gasparri, Françoise (1996) apud Rabelo (2005, pg 49).

É notável como Suger figura como uma das principais personalidades que são estudadas do período medieval. O abade foi personagem central no processo do surgimento do gótico do norte da França, além da sua estreita relação com a monarquia Francesa, entre os governos de Luis VI e Luis VII. Suas maiores contribuições foram no campo da administração, diplomacia e na reforma de Saint Denis. Aquinos importa a reforma da abadia e suas justificativas.

A abadia de Saint-Denis é a Igreja da monarquia francesa. A história da abadia começa no século III com o martírio de São Denis, padroeiro da abadia e da coroa francesa. São Denis peregrinou para a região norte decidido a disseminar a palavra de cristo pelos territórios da Gália ainda no período do Império Romano. Com o edito de perseguição de Diocleciano no século III, São Denis foi perseguido, morto e teve a cabeça decepada. Para a surpresa de todos os presentes, o santo pegou sua cabeça e saiu andando entoando salmos religiosos, até cair no local onde hoje a abadia se localiza, ali se formou uma comunidade em torno do da sepultura, que vivia em veneração ao santo, esperando por favores seus (NEVES, 2016). Somente dois séculos mais tarde, o rei Clotário II (584-629) adotou São Denis como patrono da monarquia merovíngia, e seu filho Dagoberto I (606-639) quem construiu a abadia monástica de Saint-Denis, começando, de fato, a relação entre a abadia e as monarquias da França. Após os conturbados tempos entre a saída dos merovíngios do poder e a ascensão dos carolíngios, a abadia cresceu mais ainda e ganhou mais proeminência. No abaciado de Fulraud no século VIII, a abadia ganhou a forma que Suger conheceu no seu abaciado. Suger a reformou no século XII e a abadia dos tempos atuais é obra de Eudes Clément no século XIII (RABELO, 2005).

A história de São Denis é formada de três personagens distintas de três séculos diferentes. Ela começa com São Dioniso, o Areopagita, no século I, convertido por São Paulo no areópago de Atenas. São Denis do século III, enviado pelo Papa Clemente I para conversão dos pagãos da Gália, morto e martirizado. E, por fim, o *pseudo-Dionísio Areopagita*, um escritor sírio, provavelmente do século VI, mas sem nome conhecido. Seja como for, o santo padroeiro da França seria

uma fusão desses três personagens. Os escritos desse teólogo sírio foram preservados no Império Bizantino até o século IX, quando foram dados de presente pelo Imperador Miguel II, o gago (770-829) para o Luis I (778-840). Os escritos foram traduzidos do grego para o latim primeiramente por Hilduíno, mas ficaram a desejar. O rei Carlos, o Gordo (839-888) percebeu a baixa qualidade da tradução e pediu para João Escoto Erígena refazê-la. A nova tradução teria sido a que Suger leu durante seus estudos e administração da abadia.

Os escritos traduzidos do Pseudo-Dionísio foram quatro, que compunham a obra completa *Corpus dionysiacum: Dos Nomes Divinos, Da Hierarquia Celeste, Da Hierarquia Eclesiástica e Da Teologia Mística* e mais 10 cartas. A teologia de Pseudo-Dionísio é de cunho profundamente neoplatônico. Toda realidade é hierárquica e cada parte desta deve estar em perfeita harmonia para desempenhar seu papel de maneira adequada com o todo da realidade. Além disso, Dionísio estabelece que a luz divina irradia por todo o mundo, banhando as coisas reais com a luz divina, elevando-as ao Uno, o primeiro princípio do ser. Assim, o movimento natural do cosmos é vertical, hierárquico e em direção ao divino. Essas características terão muita influência na concepção arquitetônica das reformas de Suger (NEVES, 2016). Luz e verticalidade são as duas concepções chave para entender o gótico de Suger.

Durante a reforma de Suger, a Abadia se encontrava um pouco abandonada. A regra monástica não vinha sendo bem observada, fato no qual Pedro Abelardo teria condenado a administração de Suger, além da precariedade da estrutura do próprio edifício. Suger não pôde fazer sua reforma livremente por conta da importância da Abadia e o quanto ela deveria permanecer fiel à primeira edificação do século VII. Porém aquilo que Suger pôde fazer foi subsidiário desta concepção teológica. A reforma foi registrada pelo próprio Suger no seu livreto *Da Consagração*. Suger além de devoto era fiel à monarquia francesa e seus objetivos estavam bem claros: fazer o casamento dos poderes espirituais da Igreja com os temporais da monarquia para fortalecer o domínio da coroa no seu território. Esse projeto estava simbolizado na abadia de Saint Denis, o mais santo dos locais da França, onde as relíquias do santo padroeiro repousavam. (RABELO, 2005). Por tanto a igreja deveria ser a mais suntuosa de todas.

A reforma de Suger na abadia ampliou espaços, retirou paredes internas, abriu vitrais e redecorou a abadia interna e externamente. Interessa a esta investigação a reforma do pórtico da Igreja. Materializando a concepção teológica da hierarquia celeste e o caminho ao divino, o pórtico a igreja dividia o externo profano e interno sagrado da casa de Deus. A porta simbolizava a entrada dos fiéis (do mundo terreno inferior) rumo à santidade (do mundo celeste superior. “A arte conduz as almas por meio por meio das coisas materiais às imateriais” pregava Suger, O juízo final figura como parte do discurso que o edifício transmite e como parte da estrutura discursiva da teologia que Suger era adepto.

2 Descrição da fonte

2.1 Fonte primária: Juízo Final na Catedral de Notre Dame de Paris

Edificada entre 1163 e 1345, a catedral de Notre Dame de Paris foi iniciada pelo bispo Maurice de Sully, que começou a idealizar o projeto no começo da década de 1160, com a primeira pedra da fundação colocada pelo papa Alexandre II, em 1163. Apesar de ter concebido a ideia, o bispo de Sully viveu apenas para ver a consagração do altar principal, em 1189, um ano antes do seu falecimento. Apesar da morte antes do final da construção, a ideia de catedral que seria construída se manteve. Ao longo dos séculos Notre Dame foi palco de grandes eventos históricos tais como a beatificação de Joana D’arc, a coroação de Napoleão como Imperador da França, e o Famoso romance de Victor Hugo “O Corcunda de Notre Dame”. Seguindo a tendência de um hábito mental comum a todos do período, a catedral fora erguida com a mesma estruturação definida pela escolástica, para, nas palavras de Panofsky “(...) destacar o ordenamento e a lógica de seu pensamento [...] e essa forma se subordinava, por assim dizer, ao postulado da *clareza em nome da clareza*” (Panofsky, 2001, pg 24). Sendo assim, a catedral deveria ser erguida seguindo um esquema pré-definido, muito claro. Cada parte individual deveria conversar em harmonia com o todo, numa divisibilidade progressiva, mais uma vez, seguindo uma estruturação padronizada pela escolástica.

O Resultado foi um edifício estruturado em partes de partes e partes das partes homólogas. A exemplo da própria catedral, a cena do juízo final faz parte de uma composição maior, em que cada elemento individual menor faz parte do jogo simbólico maior pretendido. A cena aqui analisada é a do juízo final. A cena é composta em três espaços, o superior, onde se encontram Jesus Cristo Pantokrator, acompanhado da virgem Maria, São João intercedendo pelos justos e os anjos com os instrumentos da paixão. O intermediário com o anjo Gabriel realização a psicostasia (o pesar das almas), definindo os escolhidos e na sequência ao lado, duas bestas conduzindo os pecadores. No terceiro nível, os ressuscitados saindo de seus túmulos, entre eles, pessoas de todos os estratos sociais, lembrando que todos serão julgados no fim dos tempos. É notável como a composição toda leva a percepção de um programa pré-definido para sua realização.

Não é objetivo deste projeto analisar toda a estrutura e todas as suas relações com o todo nos mínimos detalhes, não só na composição do pórtico, mas toda a estrutura, da fundação, passando pelas naves, o coro, o altar, o transepto, o deambulatório, as colunas, o clerestório, e as abóbodas, bem como os elementos artísticos como as esculturas de pedra e as vidraças refletem um jogo de proporções e progressões quase que perfeito, corroborando com a clareza escolástica e teológica do *pseudo-dionísio*.

O prédio sofreu diversas mudanças ao longo do tempo devido às intemperes da passagem do tempo, depredações ocorridas durante a revolução francesa de 1789 e outros incidentes, o mais recente, o incêndio que a atingiu em 2019. Durante a revolução, muito do prédio foi destruído pelos revolucionários, ao identificarem nela o poder do clero e da monarquia. A título de exemplo, a fileira dos reis de Judá acima dos portais foi destruída pelos revolucionários, que os confundiram com os reis da França. As gárgulas no alto das torres também não são originais. Após esse período, o arquiteto Eugene Viollet-le-Duc liderou a reconstrução da catedral, sendo um grande entusiasta do retorno do estilo gótico. Mais recentemente, a catedral foi atingida por um incêndio tendo sofrido severos danos na sua estrutura. O presidente da França Emmanuel Macron, à frente do governo na época expressou o sentimento de todo o povo francês e

dos admiradores da catedral, história da arte, arquitetura e toda a humanidade. “Como todos os nossos compatriotas, estou triste ao ver que esta parte de nós está pegando fogo”. A fala do presidente ilustra bem o sentimento das pessoas em relação à catedral, além de um prédio histórico, um edifício religioso, a catedral possui influência na vida subjetiva das pessoas de tal modo que quando esta sofre algum dano, de algum modo, todos nós o sofremos também.

Fig. 1 - Juízo Final em Notre Dame



Cena do juízo final no arco principal da fachada oeste (ocidental) da Catedral de Notre Dame de Paris. Fonte: <https://beminparis.com/catedral-notre-dame-obra-prima-da-arquitetura-gotica>

Nesse contexto é mister que entendamos como tal edifício ganhou tamanha notoriedade e apreço por todos nós. O prédio como um todo nitidamente, mas cada uma das suas pequenas partes compuseram a catedral que hoje tem admiradores em diversos locais por diversos motivos. E o que seria tão ilustrador desse sentimento se não a representação do juízo final, tema tão influente e provocante na vida de todos.

2.2 Fonte complementar: o abade de Suger

Apesar de não ter sido o construtor de Notre Dame de Paris, Suger inaugurou um estilo de construção que perdurou ao longo de quase quatro séculos e influenciou tantas outras catedrais. Para entender o gótico, e como este estilo se disseminou por toda a Europa, é interessante compreendermos o que pretendia Suger com ele. O abade Suger ocupava proeminente posição na França, fora amigo e conselheiro dos reis Luís VI e Luís VII, regente na ausência do segundo em função da terceira cruzada e chefe da abadia real de Saint-Denis. O projeto arquitetônico pretendido por Suger tem vários aspectos envolvidos dada sua posição dentro do reino, aqui nos manteremos no projeto iconológica, porém compreendendo que faz parte de um projeto com muitas intenções além de artísticas e religiosas. Nos seus dois livros sobre sua administração da abadia, “Livreto sobre a consagração da abadia de Saint-Denis” e “O livro de Suger, abade de Saint-Denis, sobre o que foi realizado sobre sua administração”. Em ambos será possível identificar as matrizes de pensamentos e as possibilidades teóricas de qual Suger se fundamentou para elaborar suas reformas e suas pretensões com estas. Entender Suger é entender em boa medida o surgimento do gótico francês como um todo. O pórtico de Saint-Denis exerce essa função de divisor de espaços, entre o terreno e o celestial, e a composição deste aponta para isso, além do trabalho escultural da pedra, as palavras que o acompanham nas laterais fortalecem o discurso:

“Whoever thou art, if thou seekest to extol the glory of these doors,
Marvel not the gold and the expanse but at the craftsmanship of the
work; Bright is the noble work; but, being nobly bright, the work
should brighten the minds, so they may travel, through the true lights;
To the true light Where Christ is the true door. In what manner it be
inherent in this world the golden door defines: The dull mind rises to
the truth through that which is material; And, in seeing this light, is
resurrected from its submersion”

[“Qualquer um que através da arte procure exaltar a glória dessas
portas, maravilhe-se não pelo ouro e a riqueza, mas pela perfeição
do trabalho; O trabalho brilhante é nobre; mas sendo nobremente
brilhante, deve esclarecer as mentes, então elas poderão viajar

pelas verdadeiras luzes; para a verdadeira luz cujo Cristo é a verdadeira porta. De maneira inerente à este mundo essas portas douradas definem: A mente estúpida se eleva para a verdade pelo que é material; E vendo esta luz, será ressuscitada de sua submissão”] (Trad. Nossa)

Apesar da beleza estética e do jogo de palavras vindas de um bom e erudito poeta, a repetição das palavras brilho, luz, claridade remete à teologia do *pseudo-dionísio*, na qual Deus é a luz primordial e perfeita que ilumina o mundo, e aquilo que esta luz banha, serve como instrumento para ascender ao sagrado. Sendo assim, Suger conseguiu com a reforma atingir seus dois objetivos: expandir a sua abadia para fins práticos para abrigar todas as pessoas que vinham à abadia e também transmitir o discurso católico. Seus escritos sobre a reforma da abadia podem ser vistos como uma referência das idéias que culminaram no estilo gótico do norte da França nos séculos XII e XIII.

3. Referencial Teórico

Para compreendermos o gótico e sua simbologia, iremos utilizar, de maneira crítica, os estudos inaugurados por Erwin Panofsky na década de 1950, e Umberto Eco juntamente. Panofsky traz à tona uma perspectiva sobre os estudos históricos em relação as artes visuais. A questão do entendimento das artes é de interesse de todo humanista (historiador), pois carrega consigo as marcas da época e região que tal obra foi produzida por um lado, e as marcas de quem a produziu do outro. Mesmo a arte sendo uma criação que é subsidiária de algo não totalmente cognoscível pois nem mesmo o artista está a par de todas as influências que este tem na sua criação. É possível desenvolver uma teoria da arte e uma história da arte que nos ajudem a explorar e solucionar questões desse período, corroborando com as teorias já postuladas ou então mudar o rumo das pesquisas neste campo (Panofsky, 2019).

A obra de arte carrega três níveis de apreensão pelo observador: tema primário ou natural, tema secundário ou convencional e significado intrínseco ou conteúdo. (Panofsky 2019). O primeiro designa nossa apreensão da realidade material da obra de arte, suas formas, cores, linhas e o que essa nos desperta

emocionalmente. O convencional nos fala sobre os elementos que essa realidade material representa, figuras conhecidas pelo observador, que no final da sua concepção e entendimento chamamos de imagens. E terceiro, o que essa imagem ou composição de imagens pode nos contar sobre uma determinada época, espaço, tempo, classe, indivíduo. (Panofsky, 2019).

Paralelamente, o período medieval construiu seu próprio senso de estética, que reflete um ordenamento específico da criação artística muito em função do contato com os textos clássicos. Numa época em que o latim era a língua oficial, o texto base eram as escrituras sagradas e o pensamento baseado na patrística, a Idade Média bebeu nas fontes clássicas para gestar sua própria cultura (Eco, 2010). A arte clássica que os séculos XII e XIII bebeu das fontes era partidária da harmonia simétrica afirmada pelas razões matemáticas. Através dos estudos e teorias de Pitágoras, Platão e Aristóteles, cujos intelectuais medievais tiveram contato a partir do cânon de Policleto formou-se o padrão estético medieval. (Eco, 2010).

Desses escritos, surge a concepção neoplatônica do *pseudo-dionísio* sobre a função da beleza artística. “Destes textos nasceu, portanto, o gosto por uma fórmula elementar e polivalente, por uma definição da beleza que exprima numericamente a perfeição moral, definição que, consentindo uma série de variáveis, seja, todavia, reconduzível ao princípio fundamental da *unidade na variedade*.” (Eco, 2010); tal como queria Suger no seu novo estilo arquitetônico.

4. Processos metodológicos

A pesquisa histórica seria mais simples se a produção histórica dos documentos que o historiador investiga tivessem os mínimos detalhes sobre todas as coisas. Na grande maioria das vezes, isso não ocorre. Quanto mais longe vamos investigar, maior a escassez e pior a qualidade dos documentos, seja pela má redação do mesmo, do estado de conservação, ou da distância histórica entre documento e historiador. Nossa investigação sofre com alguns desses problemas, à parte do bem conservado pórtico de Notre Dame, os bispos que

administraram e coordenaram a sua construção não deixaram nenhum documento tal como Suger registrou sobre esse processo.

Sendo assim, recorreremos a um estudo de comparação entre edifícios religiosos. A abadia de Saint-Denis fora reformada e Suger deixou para nós um livreto sobre esta reforma, apesar de não conter todas as informações explícitas que gostaríamos, nas suas entrelinhas e através do estudo das características do pensamento medieval será possível definir a maneira a qual Suger enxergava a estética, função e bases filosóficas para concepção da arte em Saint Denis. E além do mais, através da interpretação dos outros textos deixados por Suger e sua biografia, poderemos realizar a genealogia do seu pensamento. Uma vez que tudo isso tenha sido mapeado, será possível ver se o que se tem sobre Notre Dame segue em alguma medida estas concepções, sendo um movimento comum na construção de catedrais no século XII e XIII na França, ou então, se apesar de semelhanças, o pórtico de Notre Dame é um outro caso separado dos processos em Saint Denis e Suger.

Para isso, faremos uma revisão da bibliográfica em matéria de estética medieval, filosofia da arte medieval, teologia medieval, linguagem simbólica medieval e teologia do período. Com esses textos e a análise da composição do pórtico, pretendemos ter mapeado o que se vem pesquisando sobre o tema e os caminhos a serem trilhados na nossa pesquisa.

5. Relevância Historiográfica

Os estudos históricos sofreram uma grande mudança a partir da terceira década do século XX. A nova escola francesa dos Annales abriu novas possibilidades de pesquisa em diversos temas no que antes era dominado quase que exclusivamente pelo estudo econômico e político. Por conta dessas mudanças, novos objetos de estudo se tornaram alvos da reflexão histórica. Entre essa gama de objetos novos está a história da arte. Hoje é possível ao estudarmos história da produção artística de determinado período, ir para além da estética da obra, e conseguirmos, através dela, investigar os processos históricos desse

período, de modo a conseguir uma melhor compreensão desse processo e suas influências de curta, média e longa duração.

O Brasil está um pouco distante do período que pretendemos investigar, os europeus ainda não tinham conhecimento da existência dessa região do planeta. Quando aquilo que chamamos de idade média (ainda que não seja historicamente possível definir uma data exata) terminou, o Brasil – bem como a América – ainda não tinham sido encontrados. O resultado acadêmico que temos disso é que a maioria dos trabalhos acadêmicos brasileiros tem por tema questões mais diretamente ligadas com o Brasil do que com a Europa. Sendo assim, o gótico dos séculos XII e XIII, bem como a Idade Média ficam marginalizados na pesquisa histórica, sendo a primeira tese de doutorado em medieval brasileira de 1942 enquanto outros tratados sobre o próprio Brasil são quase quadricentenários, como o trabalho do Padre Anchieta, dos séculos XVII. Porém esse cenário vem mudando nas últimas décadas, graças ao crescimento dos estudos acadêmicos no Brasil como um todo, hoje, apesar de novos, existem núcleos de estudos medievais como o LATHIMM (USP), NEAM (UNESP), LEME (UFPA) e tantos outros. A produção acadêmica sobre o período medieval vem crescendo no Brasil e por mais que não estejam diretamente ligados com o Brasil, os estudos medievais são de grande importância no universo da academia de História e o Brasil pode deixar sua contribuição, tal como este trabalho pretende.

A produção acadêmica demora a ser sentida na sociedade comum, a grande mudança no método de se fazer história introduzida pelos Annales ainda está se fazendo ser sentida no Brasil. Por diversos motivos que não cabe detalharmos aqui, o ensino de história no ensino regular ainda sofre de um “atraso” histórico, ainda muito pautado nas esferas políticas e econômicas. Por mais que queiramos incluir e diversificar as abordagens históricas, é necessário estudos e conhecimentos devidamente validados, verificados e aceitos para um novo estudo e ensino histórico não só no âmbito acadêmico do ensino superior, mas no ensino regular também. Que nosso e outros trabalhos então um dia se tornem fontes para produção de aulas no ensino regular para contribuir para diversificação e melhoria do ensino de história na escola regular brasileira

6. Bibliografia

Allegette, Alvaro – Fundamento, dinâmica e superação do mundo medieval (2021)

Crosby, S. M. et alii - The Royal Abbey of Saint-Denis in the Time of Abbot Suger (1981)

Duby, Georges. - O Tempo das Catedrais A Arte e a Sociedade 980-1420 (1979)

Eco, Umberto e Sabino, Mario - Arte e Beleza na Estética Medieval (2010)

Eco, Umberto - A Estrutura Ausente (2018)

Evans, E.P. - Animal symbolism in ecclesiastical architecture (2003)

Ferreira, Francisco Albertin - E quando o filho do Homem vier... (Juízo final em Mateus). (2006)

Francastel, Pierre - A Imagem, a visão e a imaginação. (1983)

Fulcanelli – O Mistério das Catedrais (2022)

Gervereau, Laurent - Ver, Compreender, Analisar as Imagens (2007)

Gombrich, E.H. – A História da arte (2000)

Le Goff, Jacques - O Imaginário Medieval (1994)

Mertens, Thom et alii - The Last Judgement in Medieval Preaching (2013)

Costa, Ricardo da. Neves, Tainah Moreira. A Contemplacao Anagogica Na Abadia De Saint Denis Sec XII (Jan.-Jun. 2015)

Neves, Tainah Moreira. Espiritualidade e arquitetura Suger e a edificacao do gotico (2020)

Panofsky, Erwin; Panofsky-Soergel, G. (eds.) - Abbot Suger on the Abbey Church of St. Denis and Its Art Treasures (1979)

Panofsky, Erwin. Arquitetura gótica e escolástica. (2001)

Panofsky, Erwin. Significado nas artes visuais (2019)

Parmegiani, Raquel de Fátima - Salvação e Juizo Final nja Alta Idade Média Hispanica - o Apocalipse do beato de Liebana (2008)

Pedrero-Sánchez, M.G. - A História da Idade Média - Textos e Testemunhos (1999)

Poirel, Dominique - L'Abbé Suger, le manifeste gothique de Saint-Denis et la pensée victorine - Colloque à la Fondation Singer-Poli (2001)

Quirico, Tamara. - As funções do Juízo final como imagem religiosa (2010)

Quirico, Tamara. A representação do Juízo Final como imagem devocional. (2015)

Rabelo, Marcos Monteiro. O abade Suger, a Igreja de Saint Denis e os primórdios da arquitetura gótica na Ilê-de_France no séc. XII (2005)

Reale, G. e Antiseri, D. - História da filosofia 2 - Patrística e Escolástica (2005)

Ribeiro, Maria Eurydice de Barros. Verdade e fé as linguagens da catedral nos séc. XII e XIII (2017)

Rodrigues, Wladimir Wagner - Encontro Estilos Romanico e Gotico (SD)

Santos, Selene Candian dos. O Abade Suger sobre os vitrais de Saint Denis. (2014)

Santos, T.G.D. e Moreira, K.M.M - As Imagens do Juizo Final em Michelangelo e Giotto (2022)

Shaver-Crandall, A. - A Idade Média (Hist Arte Cambridge 1988)

